

*Entre ausência e esquecimento*<sup>1</sup>

João de Mancelos

Alguns poemas do livro

**Op.III: No céu do mundo (hino à vida)**

Todas as mãos  
São mais seguras pela noite:  
Ternas, poisam para o silêncio,  
Mesmo as mais trementes  
Serão como ferrugem ao vento  
E amar-se-ão, destroçadas,  
E farão sonhos gigantes que são moinhos,  
E cedo rirão, sem dar conta de nada.  
Só na madrugada exausta adormecem.  
Colhida a chama nua,  
Celebrado o fruto acidulado,  
Todas as mãos são mais ternura  
Pela noite.

**Verão descendo uma laranja**

Os rostos dos frutos da primavera,  
A sua baba salivante e doce  
Descendo como uma lágrima  
Rente à polpa —

Tanto é o desejo que se vê,  
Quando assim o verão acaricia  
O hemisfério de uma  
Laranja.

---

<sup>1</sup> Mancelos, João de. *Entre ausência e esquecimento*. Aveiro: Estante, 1991. 68 pp. DL: 51857/91.

## **Ausente sorriso de silêncio**

Hoje há outubro nos ombros  
Das árvores,  
Desce um doce luar  
De gomos, noite e azul,  
E até os poemas apeteçam como vinho.

Mas hoje, não me ofereças palavras:  
O pássaro poisado em teus lábios  
É-me estranho até à dor.

Me bastará teu ausente sorriso  
De silêncio  
Para que eu viva o Nunca Mais.

## **É esta a noite**

Esta noite há talvez luar, cometas,  
E gafanhotos de asas de prata,  
Preenchendo todo o céu.

Esta noite, provaremos desse fruto  
Estranho às aves,  
Apenas consentido à mordedura dos poetas,  
No ardor de um qualquer maio.

Esta noite, todos os relógios  
Do mundo serão nossos:  
Esta noite, provaremos do amor.

## 13

Jamais morei tão perto

Da noite:

Hoje, até uma ave gritante

Me secou na voz:

Lembro-me de teres

O olhar mais magoado

Da chuva,

Quase sempre um ardor

De amoras e esquecimento.

Criança,

Que terna ave de maio

Te pôde beber assim

A água mais pura

Dos teus pulsos?

### **Op. IV: *Glasgow by night***

Onde a noite

Se entrega pelos telhados,

Há sempre outra ternura:

Ou são os gatos enrodilhados

Pelas chaminés que os consentem,

Ou é a maçã-da-lua

Na garganta do rio,

Assim, toda ela chama amadurecida.

Onde a noite se espreguiça à lua

Cada só gomo é já um fruto.

Que só ela sabe como é bom

Posar assim o corpo negro

À madrugada.

### **A mais frágil árvore do mundo**

Acordar banhado na seara,  
Tecer-te à sombra  
Da mais frágil árvore do mundo,  
Celebrar os sonhos de quem nasce:  
E tudo com esta chuva no olhar,  
E os teus pulsos soprando  
No céu das minhas mãos.

### **Infância**

A infância é um tempo  
De amoras bravias  
E rostos tecidos pelo sol.

É uma ilha de silêncio  
Onde a solidão posava  
Nua.

Era um sonho descalço  
A que chamavas mãe  
E confundias  
Com a chuva.

### **Venenos do paraíso**

Sós,  
Condenadas entre veias,  
Trocando asas de ferrugem  
Por um vento, um fogo, um esquecimento,  
Tão só,  
Pela tarde dos heróis,  
Minhas crianças incuráveis injetam  
Venenos do paraíso.

Anjos feridos, elas sabem:  
Ainda não é hoje  
Que o super-homem vai ser herói,  
E esta noite nenhum deus  
Chegaria a tempo de nos salvar.

### **Rasando os lábios**

Assim tão rentes à poesia,  
Só são os lábios,  
Ou dois gomos de laranja-lua.  
Eles, que deslizam em flor  
Pela corola de um beijo,  
Eles, que são o dorso de uma  
Palavra transpirar,  
Eles, arredondados à amargura  
De um só fruto —  
Assim tão unos, tão sós,  
Não há senão os lábios que se abraçam  
Noutros lábios.